

CATHERYNNNE M. VALENTE



Ilustrações ANA JUAN

ASA



SAÍDA DE CENA NUM LEOPARDO

Em que uma menina chamada Setembro desaparece pelas artes de um leopardo, aprende as regras do Reino Encantado e resolve um quebra-cabeças.

Era uma vez uma menina chamada Setembro, que ficou totalmente enjoada da sua casa. Todos os dias ela lavava as mesmas xícaras de chá cor-de-rosa e amarelas e a molheira que fazia parte do mesmo conjunto; dormia na mesma almofada bordada e brincava com o mesmo cãozinho simpático. Porque ela tinha nascido em maio, e por ter uma verruga na bochecha esquerda e pés muito grandes e sem graça, o Vento Verde ficou com pena dela e, num final de tarde, voou para a sua janela, logo depois de ela fazer doze anos. Ele usava um casaco verde, uma capa verde, dessas de quem conduz uma carruagem, culotes verdes e raquetes de neve verdes. Faz muito frio no bairro da lata onde moram os Seis Ventos, acima das nuvens.

– Pareces uma criança muito mal-humorada e irascível – disse o Vento Verde. – O que acharias de vir comigo, cavalgar o Leopardo das Pequenas Brisas e ir até ao grande mar que banha o Reino Encantado? Tenho pena de não poder lá entrar, porque os Ventos Severos não são permitidos, mas ficaria feliz em deixar-te no Mar Perverso e Perigoso.

– Ah, eu quero – suspirou Setembro, que não gostava nada de xícaras de chá cor-de-rosa e amarelas, nem de cãesinhos simpáticos.

– Bom, então anda, senta-te ao meu lado e não puxes com muita força a pele do meu Leopardo, porque ele morde.

Setembro pulou para fora da janela da cozinha, deixando o lava-loiças cheio de xícaras de chá ensaboadas, ainda com folhas coladas, que formaram figuras sinistras no fundo. Uma delas parecia-se um pouco com o seu pai quando usava a sua capa comprida cor de café, partindo pelo mar com uma espingarda na mão e coisas resplandecentes no chapéu. Outra lembrava um bocadinho a sua mãe, debruçada sobre o motor teimoso de um avião, no seu fato-macaco de trabalho, com os músculos do braço salientes. Uma outra assemelhava-se a um repolho esmagado.

O Vento Verde estendeu a mão agasalhada numa luva verde e Setembro agarrou-se a ela e respirou fundo. Ao passar pela janela, um dos seus sapatos caiu, facto que terá importância mais tarde. Mas agora vamos perder um tempinho para nos despedirmos do seu bem-comportado sapatinho de bonecas com fivelas de metal, enquanto este cai e ressoa no chão de tacos. Adeus, sapato! Setembro há de sentir a tua falta.



– Ora – disse o Vento Verde, quando Setembro já estava bem instalada na sela curva cor de esmeralda, as mãos agarradas na pele pintada do Leopardo –, existem regras importantes no Reino Encantado, regras que um dia não terei de seguir, quando os meus papéis finalmente tiverem sido processados e eu tiver o anel dourado da imunidade

diplomática. Lamento dizer que, se infringires as regras, não poderei ajudar-te. Podes receber uma multa ou ser executada, depende do humor da Marquesa.

– Ela é muito terrível?

O Vento Verde fez uma careta por detrás da sua barba espetada.
– Todas as meninas são terríveis – admitiu ele –, mas pelo menos a Marquesa tem um chapéu bonito.

– Fale-me das regras – disse Setembro, decidida. Como tinha aprendido xadrez com a mãe quando era muito pequena e ainda se lembrava dos movimentos dos cavalos, estava certa de que conseguiria lembrar-se das regras encantadas.

– Em primeiro lugar, não é permitida nenhuma espécie de metal. A alfândega é muito rígida neste ponto. Qualquer bala, faca, clava ou mactaco hidráulico que tiveres contigo será confiscado e fundido. Segundo, é proibida a prática de alquimia para todos, exceto para as raparigas nascidas à terça-feira...

– Eu nasci numa terça-feira!

– Talvez eu já soubesse disso – disse o Vento Verde, piscando o olho. – Terceiro, a locomoção aérea só é permitida usando o Leopardo ou por Haste de Erva-de-Santiago autorizada. Se não for o teu caso, por favor, limita-te ao chão. Quarto, todo o tráfego é feito no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Quinto, a recolha do lixo é feita nas segundas sextas-feiras. Sexto, todas as crianças trocadas devem usar calçado que as identifiquem. Sétimo e mais importante, em caso algum deverás atravessar os limites da Floresta da Fiação, senão, das duas uma: ou terás uma morte dolorosa ou serás forçada a enfrentar um chá muito chato com várias ninfas fiandeiras do bosque. Essas leis são sacrossantas, menos para os dignitários e os *spriggans* que estejam de visita. Entendeste?

Juro que Setembro tentou ouvir com muita atenção, mas os ventos que passavam não paravam de lhe soprar o cabelo sobre o rosto.

– Acho... Acho que sim... – gaguejou ela, tirando os cachos da boca.

– É claro que beber ou comer alimentos encantados constitui um termo de compromisso de voltar pelo menos uma vez por ano, de acordo com os ciclos míticos sazonais.

Setembro sobressaltou-se.

– O quê? O que é que isso quer dizer?

O Vento Verde cofiou a barba perfeitamente pontiaguda.

– Significa: come o que quiseres, preciosa criança cereja! – Ele riu-se como o ar que silva por entre galhos altos. – Doce como cerejinhas, luminosa como frutinhas, a luz do meu céu enluarado!

O Leopardo das Pequenas Brisas bocejou e afastou-se dos telhados de Omaha, Nebraska, sem que Setembro dissesse ao menos um adeus. Não se deve julgá-la, nenhuma criança tem coração. Ainda não desenvolveram um coração, e é por isso que podem subir a árvores altas, dizer coisas chocantes e pular tão alto que os corações adultos palpitam de pavor. Os corações pesam muito. É porque demoram muito tempo a ser cultivados. Mas, como acontece com a leitura, a matemática e o desenho, crianças diferentes avançam a velocidades diferentes. (É bem sabido que a leitura é o que mais acelera o crescimento de um coração.) Alguns fedelinhos são terríveis e excêntricos: Totalmente Sem Coração. Outros são queridos e doces: Dificilmente Sem Coração. No dia em que o Vento Verde chegou, Setembro estava entre duas situações: De Certo Modo Sem Coração e De Certo Modo Coração Desenvolvido.

Assim, Setembro não acenou uma despedida à sua casa nem à fábrica da sua mãe, que soltava um fumo branco abaixo dela. Nem sequer acenou ao seu pai ao passar pela Europa. Pode ser que tanto tu como eu

fiqamos chocados com isso, mas Setembro tinha lido muitos livros e sabia que os pais só ficam zangados até descobrirem que o seu pequeno aventureiro esteve no Reino Encantado, e não no bar da esquina; depois, fica tudo bem. Em vez de se despedir, Setembro olhou diretamente para as nuvens, até o vento deixar os seus olhos marejados. Recostou-se no Leopardo das Pequenas Brisas, cuja pelagem era áspera e brilhante, e ouviu as batidas do seu coração enorme e trovejante.



– Se o senhor me der licença de perguntar, senhor Vento – disse Setembro, depois de se ter passado algum tempo –, como é que se chega ao Reino Encantado? No caminho, passaremos com certeza pela Índia, pelo Japão, pela Califórnia, e depois vamos acabar por voltar na direção da minha casa.

O Vento Verde deu uma risadinha.

– Suponho que isso seria verdade se a Terra fosse redonda.

– Tenho a certeza absoluta de que é...

– Vais ter de parar com esse tipo de pensamento atrasado, antigo, sabias? O conservadorismo não é um traço atraente. O Reino Encantado é um lugar muito *cientifix*. Assinamos todos os melhores periódicos.

O Leopardo das Pequenas Brisas soltou um leve rugido. Inúmeras nuvenzinhas saíram irritadas da sua frente.

– A Terra, minha querida, é levemente *trapezoidal*, vagamente *lo-sangoide*, um pouco *hipercúbica* e totalmente mal-humorada, quando o seu pelo é acariciado no sentido errado! Resumindo, é um quebra-cabeças, minha aquisição outonal, como os anéis de prata enganchados que a tua tia Margaret trouxe da Turquia quando tinhas nove anos.

– Como é que sabe da minha tia Margaret?! – exclamou Setembro, segurando o cabelo para trás.

– Aconteceu eu estar a apresentar a minha luta do meio-dia justamente nessa ocasião. Ela usava uma saia preta; tu, o teu vestido amarelo estampado com macacos. Os Ares Severos têm uma memória excelente para as coisas que agitam.

Setembro alisou o colo do seu vestido cor de laranja, agora todo amarrotado. Ela gostava de tudo o que fosse cor de laranja: folhas, algumas luas, calêndulas, crisântemos, queijos, abóbora – tanto em torta como fora –, sumo de laranja, geleia de citrinos. A cor laranja é luminosa e exigente. Não se consegue ignorar as coisas cor de laranja. Uma vez ela viu um papagaio laranja numa loja de animais e nunca na vida quis tanto uma coisa. Ia dar-lhe o nome de Halloween e alimentá-lo com caramelos. A mãe disse-lhe que os caramelos iriam deixar o pássaro doente e, além disso, de certeza que o cão o iria devorar. Setembro nunca mais falou com o cão, por uma questão de princípio.

– O quebra-cabeças não é diferente daqueles anéis – disse o Vento Verde, olhando por cima dos seus óculos verdes. – Vamos destrancar a Terra, depois tornar a trancá-la e, depois disso, estaremos noutra anel, ou seja, no Reino Encantado. Já não falta muito.

E, de facto, nas nuvens azuis como gelo acima do mundo começaram a despontar inúmeros telhados. Eram todos muito altos e muito instáveis: torres de catedrais feitas de tábuas pregadas, cúpulas de metal enferrujado, obeliscos de folhas rasgadas e, um pouco mais além, domos enormes, como aqueles que Setembro vira nos livros sobre a Itália, mas com vários tijolos em falta e outros partidos, transformados em poeira. Exatamente o tipo de construções onde o vento uiva com mais força, silva mais alto, grita com mais violência. Todas as pontas e superfícies estavam congeladas – até mesmo os indivíduos que voavam e adejavam pela cidade, encapotados de um modo muito parecido com o do próprio Vento Verde, com os seus culotes e casacos, pretos, rosados ou amarelos, de bochechas estofadas e redondas, como os querubins que sopram nos cantos dos mapas antigos.

– Bem-vinda, Setembro, à cidade Ocidental, a minha casa, onde moram todos os Seis Ventos, em nada que se assemelhe à harmonia.

– É... muito bonita. E muito fria. E parece que perdi um dos meus sapatos.

O Vento Verde olhou para os dedos dos pés de Setembro, que começavam a ficar ligeiramente roxos. Sendo, no mínimo, um pouco cavalheiro, tirou o seu casaco e vestiu-lho. As mangas estavam enormes, mas, tendo aprendido algumas noções de boas maneiras nas suas inúmeras viagens, o casaco ajustou-se em torno do corpo de Setembro, inflando e encolhendo, até parecer a própria pele da menina.

– Acho que estou um bocadinho parecida com uma abóbora – murmurou Setembro, intimamente encantada. – Estou toda verde e laranja.

Olhou para baixo. Na sua larga lapela de veludo esmeralda, o casaco tinha feito aparecer uma pregadeira cor de laranja, uma chave preciosa. Ela brilhava, como se fosse feita do próprio Sol. O casaco aqueceu-se ligeiramente, com timidez, esperando que a menina gostasse.

– O sapato é uma perda muito importante, não vou negar – cacarejou o Vento Verde –, mas uma pessoa precisa de fazer sacrifícios, se quiser entrar no Reino Encantado. A sua voz baixou para um tom confidencial: – Ocidental é uma cidade de fronteira, e o Vento Vermelho é muito invejoso. De qualquer maneira, é muito provável que o teu sapato acabasse por ser roubado.

O Vento Verde e Setembro entraram em Ocidental suavemente, com o Leopardo das Pequenas Brisas a tomar um cuidado extra para não dar um solavanco na aterragem. Caminharam a passos largos pela Avenida Apreensiva, onde os Ventos Azul e Ouro, de bochechas grandes, compravam mantimentos, enchendo os braços com ervas-maçaroca, para fazer suculentas saladas espinhosas. Nuvens rodopiavam e corriam pela rua, do mesmo modo que os papéis usados correm nas cidades que nós conhecemos.

Dirigiam-se para dois pilares espigados no final da avenida, pilares tão enormes que Setembro não conseguiu ver de imediato que,

na verdade, eram pessoas incrivelmente altas e magras, com rostos enormes e compridos. Ela não conseguiu perceber se eram homens ou mulheres, mas eles eram pouco mais grossos do que um lápis e mais altos do que qualquer um dos campanários e plataformas altas de Ocidental. Os seus pés atravessavam as nuvens em baixo, desaparecendo num pompom de cúmulos. Ambos usavam óculos circulares finos, escurecidos para proteger os olhos do sol forte de Ocidental.

– Quem são eles? – sussurrou Setembro.

– São Latitude, com o cinto amarelo, e Longitude, com a gravata com cornucópias. Sem eles não podemos ir muito longe, portanto, vê lá se és educada.

– Pensei que latitude e longitude fossem só linhas nos mapas.

– Eles não gostam de ser fotografados. É o que acontece com as pessoas famosas. Todos lhes querem tirar uma foto, a toda a hora, é muito aborrecido. Eles fizeram um acordo com o Guia dos Cartógrafos há centenas de anos; apenas representações simbólicas, por uma questão de respeito, compreendes?

Setembro ficou bastante calma diante de Latitude e Longitude. Como era criança, estava acostumada a que a maioria das pessoas fosse mais alta do que ela. Mas aquilo era completamente diferente. Ela não tinha comido nada desde o pequeno-almoço, e viajar de Leopardo é muito cansativo. Ela não achava que tivesse de fazer uma vénia, isso era muito antiquado, portanto fez uma inclinação da cintura. O Vento Verde achou divertido e copiou o seu gesto.

Latitude bocejou. O interior da sua boca era azul brilhante, da cor do oceano nos mapas escolares. Longitude suspirou de tédio.

– Bom, não estavas à espera de que eles fossem falar, pois não? – O Vento Verde parecia um pouco constrangido. – Eles são celebridades! São muito reservados.

– Pensei que tivesses dito que haveria um quebra-cabeças – disse Setembro, reparando no bocejo de Latitude. O Vento Verde puxou-lhe a manga, como se estivesse ofendido por ela não ficar mais impressionada.

– Quando montas um *puzzle* – começou ele –, como é que fazes, abóbora querida?

Setembro arrastou o pé gelado na pedra lisa e azul da avenida.

– Bem... começa-se pelos cantos, depois os rebordos, para formar uma moldura e, por fim, trabalha-se a parte de dentro, até que todas as peças estejam encaixadas.

– E, historicamente, quantos ventos existem?

Setembro lembrou o seu livro de mitos, que era de um laranja bem forte, portanto, um dos seus pertences favoritos.

– Quatro, acho eu.

O Vento Verde sorriu com malícia, com os lábios verdes a curvar-se debaixo de um bigode verde.

– Exatamente: Verde, Vermelho, Preto e Ouro. É claro que estes são, grosso modo, nomes de família, como Silva ou Gupta. E, na verdade, existem também o Prata e o Azul, mas eles andaram a portar-se mal perto da costa da Tunísia e tiveram de ir para a cama sem jantar. Assim, a verdade é que hoje nós somos os cantos. Gesticulou para os plácidos Latitude e Longitude: – Eles são os rebordos. E tu, Setembro – puxou gentilmente um molho de cabelos de Setembro, que ficara preso na sua pregadeira –, és as peças do meio, todas de formato engraçado e teimosas.

– Não entendo, senhor.

– Bom, está tudo no palavreado. Uma das peças é *uma menina pulando sobre um só pé, no sentido contrário aos ponteiros do relógio*,

nove vezes. Outra é *usar cores misturadas*. Outra é *dar uma palmadinha num olho*. Outra é *desistir de alguma coisa*. Outra é *ter um felino presente*.

– Mas isso é fácil!

– Em geral, sim. Mas o Reino Encantado é um lugar antigo, e as coisas antigas têm uns apetites estranhos. Uma das últimas peças é: *Tem de haver sangue*. A outra é: *Dizer uma mentira*.

Setembro mordeu o lábio. Ela nunca tinha gostado de *puzzles*, embora a sua avó adorasse e tivesse colado mil peças por toda a casa, como uma espécie de papel de parede. Devagar, tentando lembrar-se de tudo, deu uma palmadinha no olho, levantou um pé e pulou num sentido que esperava ser o contrário aos ponteiros do relógio, em volta do Leopardo das Pequenas Brisas. O seu vestido laranja bateu contra o casaco verde que brilhava ao sol. Quando ela parou, tirou a preciosa chave cor de laranja da lapela e picou ligeiramente um dedo com o fecho. O sangue escorreu e pingou sobre as pedras azuis. Setembro colocou a chave delicadamente aos pés dos impassíveis Latitude e Longitude e soltou um suspiro profundo.

– Quero ir para casa – mentiu calmamente.

Latitude e Longitude viraram-se suavemente, um de frente para o outro, como se estivessem sobre pedestais. Começaram a curvar-se e dobrar-se como escadas, estendendo-se um para o outro e enganchando mão com mão, pé com joelho, mãos nos quadris e cotovelos para fora. Moviam-se mecanicamente na sua estranha dança de circo, aos solavancos, com as juntas a balançar, como as das bonecas. A estrada chocou um pouco e depois ficou quieta. Latitude e Longitude beijaram-se, ainda que muito rapidamente, e, quando se separaram, entre as suas bocas havia um espaço do tamanho exato para um Leopardo a carregar um Ar Severo e uma rapariguinha. Tudo o que Setembro conseguia ver do outro lado eram nuvens.

Solenemente, o Vento Verde estendeu a sua mão enluvada para a menina de laranja.

– Muito bem, Setembro – disse ele, erguendo-a até à sela esmeralda do Leopardo.



Nunca se sabe o que acontece depois de uma saída de cena num Leopardo. É contra as regras teatrais. Mas a trapaça sempre foi da competência dos seres encantados, e, como estamos prestes a entrar nos seus domínios, temos de agir de acordo com os costumes locais.

Porque, vejam só, quando Setembro e o Vento Verde atravessaram o quebra-cabeças do mundo no seu grande gato, a chave preciosa levantou-se e deslizou atrás deles, no maior silêncio.



O ARMÁRIO ENTRE MUNDOS

Em que Setembro passa entre mundos, faz quatro perguntas, recebe doze respostas e é examinada por uma agente alfandegária.

– Quando uma senhora chega ao anoitecer dourado e imponente da sua vida, tem muitíssimas coisas acumuladas. Tu sabes disso – quando visitaste a tua avó no lago, naquele verão, foi espantoso ver tantos retratos de pessoas que não reconhecias pendurados nas paredes e a quantidade de pratos de porcelana, panelas de cobre, livros, colheres comemorativas, espelhos antigos, restos de madeira, tricôs pela metade, jogos de tabuleiro e acessórios para lareira que ela tinha amontoado pelos cantos da casa. Não conseguias imaginar o que uma pessoa faria com toda aquela tralha, nem entendias porque é que aquilo tinha de ficar ali por tanto tempo, a desbotar ao sol, ganhando o mesmo tom acastanhado de um

pergaminho. Achaste que a tua avó era um bocadinho maluca, por ter tantas corujas de vidro e tantos açucareiros de porcelana.

É assim o espaço entre o Reino Encantado e o nosso mundo. É o armário grande e escuro da avó, o barracão que ela tem nas traseiras, a sua cave atravancada com a tralha e o absurdo de milénios. Sabes como é, o mundo, na verdade, já não sabe onde colocar aquilo. A terra é frugal, não deita fora capacetes de bronze em perfeito estado, nem rocas de fiar ou relógios de água. Pode ser que um dia precise deles. O mesmo é válido para todos os retratos: quando tiveres vivido tanto quanto a tua avó, também vais precisar de ajuda para te lembrares dos netos.

Setembro ficou maravilhada com as pilhas de coisas curiosas que havia no armário entre os mundos. O teto era muito baixo, invadido por raízes, e tudo trazia um esmorecimento distinto, a renda antiga e as máquinas de decifrar códigos, as âncoras e molduras pesadas de quadros, os ossos de dinossauros e planetários. Conforme o Leopardo foi avançando pela passagem pouco iluminada, Setembro olhava nos olhos pintados de faraós e poetas cegos, químicos e filósofos serenos. Setembro podia afirmar que eram filósofos porque estavam enrolados em panos, como cortinas. Mas a maioria dos retratos era de pessoas comuns, usando o que gostavam de usar enquanto estavam vivas, juntando feno, escrevendo um diário ou cozendo pão.

– Senhor Vento – disse Setembro, depois de recuperar e de os seus olhos se habituarem à escuridão. – Quero fazer-lhe uma pergunta e quero que me responda a sério, sem me chamar nomes carinhosos nem troçar de mim.

– Claro, minha... Setembro. E podes tratar-me por Verde. Sinto que estamos a começar a dar-nos bem.

– Porque é que me tirou de Omaha? Costuma ir buscar muitas meninas? Elas são todas do Nebraska? Porque é que está a ser tão bonzinho comigo?

Setembro não tinha a certeza, mas achou que o Leopardo das Pequenas Brisas estava a rir-se. Podia ter sido um bufo.

– Isso é bem mais do que uma pergunta. Logo, acho que é justo que eu dê bem mais do que um conjunto de respostas. – Aclarou a garganta de modo teatral. – Um: Omaha não é um lugar que sirva para ninguém. Dois: Não, a minha agenda mantém-me bastante ocupado. Três: Vê a anterior. Quatro: Para que tu gostes de mim e não tenhas medo.

Mais à frente, havia uma fila de pessoas com casacos compridos e coloridos, movendo-se lentamente, olhando para o relógio, alisando o cabelo sob o chapéu. Leopardo diminuiu a velocidade.

– Eu pedi para não troçar – disse Setembro.

– Um: Eu sentia-me sozinho. Dois: Tenho fama de ter levado uma ou duas crianças, não vou mentir. É da natureza dos ventos Apanhar e Agarrar coisas e Soprá-las para Longe. Três: Nebraska não produz muitas meninas das que devam ir ao Reino Encantado. Quatro: Se eu não fosse bonzinho, não conhecesse o caminho até ao Reino Encantado e não tivesse um gato muito espetacular, tu não sorrerias para mim, nem me dirias coisas divertidas. Dir-me-ias, com educação, que gostas de xícaras de chá e de cãezinhos e pedirias, por favor, que eu me retirasse.

Pararam e ocuparam o seu lugar na fila. Eram todos bem mais altos do que Setembro – a fila podia ser comprida ou curta, ela não saberia dizer. Setembro saltou do Leopardo e foi para o armário seco, compacto e sujo entre mundos. O Vento Verde saltitava levemente ao seu lado.

– Disse que eu era mal-humorada. Foi mesmo por isso?

– Um: Existe um departamento no Reino Encantado totalmente dedicado ao desaparecimento de meninos e meninas (em geral, órfãos, mas nos últimos tempos tornámo-nos mais liberais), para termos uma reserva disponível de um certo tipo de histórias para contar quando chega o inverno e não há nada para fazer, a não ser beber cerveja de

erva-doce e olhar para a lareira. Dois: Vê a anterior. Três: Lugares secos e castanhos são as principais regiões onde há crianças que querem escapar de lá. É muito mais difícil encontrar pessoas à toa na cidade de Nova Iorque que queiram voar num leopardo. Afinal de contas, elas têm o Museu Metropolitan com que se ocupar. Quatro: Não estou nada a ser muito bonzinho. Repara como eu te minto e consigo que faças as coisas à minha maneira. Isto é para que fiques preparada para viver no Reino Encantado, onde este tipo de coisa é considerado o auge da educação.

Setembro cerrou os punhos. Tentou, com toda a força, não chorar.

– Verde! Pare com isso! Eu só quero saber...

– Um! Porque nasceste em...

– ... se eu sou especial – completou Setembro, a meio caminho entre um sussurro e um guincho. – Nas histórias, se alguém aparece de um momento para o outro numa nuvem verde e convida uma menina para partir numa aventura, é porque ela é especial, porque ela é esperta, forte, consegue resolver charadas, lutar com espadas e tem uma capacidade muito boa para se expressar... Eu não sei se sou alguma dessas coisas. Nem sequer sei se sou assim tão mal-humorada. Não sou *burra*, nem nada que se pareça, conheço geografia, sei jogar xadrez e consigo consertar o aquecedor da água quando a minha mãe está a trabalhar. Mas o que eu quero dizer é que talvez a sua intenção fosse ir para casa de uma outra menina e deixar que *ela* andasse no Leopardo. Talvez nem tivesse pensado em escolher-me, porque eu não sou como as meninas das histórias. Sou baixa, o meu pai fugiu com o exército e eu nem sequer conseguiria impedir um cão de comer um passarinho.

O Leopardo virou a sua prodigiosa cabeça pintada e olhou para Setembro com olhos grandes, solenes e amarelos.

– Vimos buscar-te – ele rugiu. – A ti mesmo.

O felino deu umas lambidelas ásperas na bochecha da criança. Setembro sorriu, só um bocadinho. Fungou e enxugou os olhos com a manga do casaco verde.

– PRÓXIMO! – ribombou uma voz profunda e áspera, que ecoou por todo o armário. Era uma voz tão forte que eles foram soprados para trás, de encontro às pessoas que, em silêncio, se tinham juntado à fila atrás deles. A pessoa à frente deles, com sombra rosa nos olhos, cabelos espetados e enfeitados com lantejoulas, explodiu perto de um estrado alto, numa confusão de papéis e bagagem.

No alto do estrado apareceu um enorme monstrengo, o rosto uma massa de bronze e de rocha negra, sobancelhas de pedra que iam de lá para cá e um queixo duro de metal. Os seus olhos pendurados queimavam chamas vermelhas. Os seus braços pesados estalavam e chiavam, pistões engraxados a pulsar. O peito da criatura estava chapeado com uma prata gasta e batida, meio aberta ao longo de uma junção grossa, mostrando no interior um coração branco-violeta que pulsava.

– PAPÉIS! – trovejou o monstrengo. Retratos chocalharam ao longo das paredes de terra. O seu bafo era fumarento e quente, e no queixo mecânico matraqueava uma língua de aço. Setembro encolheu-se contra o Leopardo, a força do bafo do monstrengo a investir contra o seu rosto.

– BETSY TALO DE MANJERICÃO, SAI JÁ DAÍ! – gritou em resposta o Vento Verde, embora não tão alto, por não ter pulmões de fole que o ajudassem na empreitada.

O monstrengo de ferro hesitou.

– Não! – berrou ele.

– Não estás a impressionar ninguém – suspirou o Vento Verde.

– ELA ESTÁ IMPRESSIONADA. OLHA, ESTÁ TODA A TREMER, E ASSIM – replicou o monstrengo.

– Betsy, vou dar-te uma boa sova, tu sabes que sou capaz. Não te esqueças de quem chicoteou o Lorde do Vale das Folhas e passou a controlá-lo como a um cão. Não sou turista. Não vou ser tratado dessa forma – disse o Vento Verde.

– Não, não és turista – resmungou uma voz grossa, encatarrada, mas muito mais calma. Uma mulherzinha, não maior do que Setembro, talvez até um pouco mais pequena, saltou para fora do monstrengo e subiu para a plataforma. Os olhos-labareda do monstrengo apagaram-se e os seus grandes ombros curvaram-se. O peito musculoso da mulherzinha tinha o formato do peito de um urso, as pernas eram grossas e cheias de calombos, o cabelo curto era uma pasta levantada, colada ao couro cabeludo, espetada para cima como a ponta de uma faca. Mascava um cigarro enrolado à mão. O fumo tinha um cheiro doce como baunilha, rum, xarope de ácer e outras coisas que não são lá muito boas para a saúde.

– Não és turista – repetiu ela, num rosnado ameaçador. – És *verdista*, e isso significa um *malandro nocivo*, e isso significa *Entrada Proibida*, ordens da Marquesa.

– Betsy, preenchi o meu pedido de imigração com os selos dos Quatro Clandestinos há semanas. Tenho até uma carta de referência do Parlamento Cegado. Bem, do escrevente. Mas é em papel timbrado e tudo, e acho que todos nós sabemos que uma papelada constitui um *argumento favorável* – disse o Vento Verde, na defensiva.

Betsy torceu uma sobrançelha peluda ao olhar para ele e pulou de novo para dentro do boneco-monstrengo, num abrir e fechar de olhos. O monstrengo voltou à vida, com os olhos em brasa e os braços tinindo.

– VAI-TE EMBORA. SENÃO LOGO VÊS QUEM LEVA UMA SURRA.

– Verde – murmurou Setembro –, ela é... um gnomo?

– Com toda a certeza – trovejou Betsy, espremendo-se de novo para fora do boneco. Ele desmoronou com a sua ausência. – E isso é muito perspicaz da tua parte. Como é que percebeste?

O coração de Setembro ainda ressoava desenfreado por causa da gritaria do monstrengo. Ela levantou a mão trémula, um pouco acima da cabeça.

– Espetado – disse ela, num gritinho agudo, e aclarou a garganta. – Os gnomos não têm chapéus pontiagudos? Achei que... um cabelo espetado faz o mesmo efeito de um chapéu... Será?

– Ela é uma lógica habitual, Verdoso. A minha *avó* usa um chapéu pontiagudo, menina. A minha *bisavó*. Eu não haveria de querer morrer usando um, do mesmo modo que tu não haverias de gostar de usar uma touca com rendas. Agora os gnomos são *modernos*. Somos até mais que modernos. Dá uma olhadela – Betsy flexionou um bíceps extremamente respeitável, do tamanho de uma lata de óleo. – Para mim, nada desse esvoaçar em jardins e abençoar soleiras de porta. Fiz a escola comercial. Agora sou agente alfandegária, com o meu próprio pedaço de rocha aqui. O que é que tu tens?

– Um leopardo – respondeu Setembro rapidamente.

– É verdade – considerou Betsy. – Mas não tens documentos, nem os dois sapatos, e isso é um problema.

– Para que é que se precisa disso? – perguntou Setembro. – Na minha terra nenhum dos aeroportos tem isso.

– Tem sim. Só que não os consegues ver bem – disse Betsy Talo de Manjerição com um sorriso sarcástico. – Todos os agentes alfandegários têm essas coisas, senão, porque é que as pessoas haviam de ficar na fila e ser examinadas e inspecionadas? Todos nós vivemos dentro da terrível engrenagem da autoridade, e ela tritura, grita e queima, para que ninguém diga: *as linhas nos mapas são uma parvoíce*. Onde tu moras, a maquinaria terrível é menor, mais difícil de ver, menos honesta, é

isso. Ao passo que aqui o Rupert, ele é o mais honesto possível. Segue as regras à risca.

Ela coçou a carapaça grosseira, atrás da qual deveria ter uma orelha. A coisa continuou parada e sombria.

– Então, porque é que me *dizes* que tudo não passa de bonecos e engrenagens? Não queres que eu te deixe espreitar-me? – perguntou Setembro.

Betsy fez-lhe sinal para que ela se aproximasse, até que as duas ficaram nariz com nariz e o único cheiro que Setembro sentia era o da baunilha, do rum e do xarope de ácer do cigarro dela, cheiro que se estendia também por toda a pele da gnoma.

– Porque quando os humanos vêm ao Reino Encantado, o que se espera é que eles sejam enganados por nós, roubados por nós, e que recebam uma bofetada à altura das orelhas, mas também que nós os enfeiticemos, para que possam ver tudo o que está escondido. Não tudo, só o suficiente para ficarem deslumbrados com os encantos dos cogumelos, e não tanto que não possamos enganá-los duas vezes, com o ouro encantado. É uma verdadeira ciência. Que deve ser utilizada com unguento. Está no regulamento.

– Então, vai colocar alguma coisa muito nojenta nos meus olhos?

– Já te disse, miúda. Agora os gnomos são modernos. Pessoalmente, sempre boicotei a Farmácia Mistura Abençoada. Existem outras maneiras de abrir a tua cabeça dura. Como o Rupert. Ele é ótimo com cabeças duras. A maioria das pessoas a quem eu mostro o Rupert vê tudo o que eu mandar. Agora, documentos, por favor.

O Vento Verde olhou de esguelha para Setembro e depois para o seu próprio pé. Setembro poderia jurar que ele estava a corar, um rubor verde debaixo da barba.

– Sabes muito bem, Betsy – sussurrou ele –, que os Arrebatados não precisam de documentos. Está no manual, página 764, parágrafo seis – o Vento Verde tossiu com educação. – A cláusula Perséfone.

Betsy lançou-lhe um olhar demorado, que dizia claramente *Ai sim, seu velho saco de ar?* Ela soprou o seu fumo espesso e doce para o rosto dele e resmungou.

Setembro percebeu que ela não podia ter sido a única.

– Mas não te diz respeito a ti, coisa alta. Tudo bem, ela pode ir, mas tu ficas – Betsy mascou o seu cigarro. – E o gato também. Não vou violar a Lista Verde só para te agradar.

O Vento Verde passou os seus longos dedos pelo cabelo de Setembro.

– Está na hora de nos separarmos, minha bolota querida. Tenho a certeza de que o meu visto ficará pronto em breve... quem sabe, se falares bem de mim na embaixada... Enquanto isso, lembra-te das regras, não nades durante uma hora depois de comeres e nunca digas a ninguém o teu nome verdadeiro.

– O meu nome verdadeiro?

– Fui à tua procura, Setembro. Só de ti. Desejo-te o melhor que se possa desejar e não o pior do que pode ser esperado. – Aproximou-se e beijou-lhe a bochecha com elegância, gentil, seco como um vento do deserto. O Leopardo lambeu-lhe a mão apaixonadamente.

– Fecha os olhos – sussurrou.

Setembro assim fez. Sentiu um vento morno e ensolarado no rosto, cheio do perfume de coisas verdes: menta e mato, alecrim, água fresca, sapos, folhas e feno. O vento soprou o seu cabelo escuro para trás e, quando ela abriu os olhos, o Vento Verde e o Leopardo das Pequenas

Brisas tinham partido. No seu ouvido flutuava seu último suspiro etéreo: *Verifica nos teus bolsos, minha menina-chaminé.*

Betsy abanou as mãos no ar, como que para dispersar um perfume desagradável.

– Ele não passa de um incómodo. Estás melhor sem ele. Esse pessoal teatral não passa de um monte de monólogos e de dores de cabeça de ansiedade.

A gnoma tirou um livrinho verde de couro e um carimbo com cabo de rubi polido de detrás do estrado. Abriu o livro e começou a carimbar com um prazer agressivo.

– Visto Temporário. Tipo: Romã. Alojamento de Destino: Nenhum. Categoria de Registo Estrangeiro: Humana, Arrebatada, não é uma criança trocada. Tamanho: Médio. Idade: Doze. Privilégios: Nenhum ou Tantos Quantos Conseguir Obter. Algo a declarar?

Setembro sacudiu a cabeça. Betsy revirou os olhos de bordas vermelhas.

– Declaração Alfandegária: um sapato, preto. Um vestido, cor de laranja. Um casaco, alheio – a gnoma espreitou de cima da sua plataforma. – Um beijo, extremamente verde – terminou ela enfaticamente, carimbando o livro com força e entregando-o a Setembro. – Agora desampara-me a loja, não empates a fila!

Betsy Talo de Manjerição agarrou Setembro pelas lapelas e transportou-a com os pés no ar, passando pelo estrado, até um buraco cheio de raízes, bolorento, carunchoso, na parede dos fundos do armário entre mundos. No último instante ela parou, cuspiu uma praga encantada como um naco de tabaco e tirou uma caixinha preta do bolso. Deslocou uma barrinha vermelha para fora e a tampa abriu-se com um estalido. Estava cheia de uma gelatina vagamente dourada.

– Ressaca de Pã, miúda – tornou a praguejar Betsy. – Os velhos hábitos costumam a perder-se.

Afundou o dedo engordurado na mistela e atirou-a para os olhos de Setembro. Escorregou pelo rosto dela como se fosse gema de ovo.

A gnoma pareceu profundamente envergonhada.

– Bem – resmungou, olhando para os pés –, e se o Rupert não desse conta do recado e tu chegasses lá e não visses mais nada a não ser gravetos, gafanhotos e uma imensidão de deserto vazio? É um caminho muito comprido para só se ver deserto. Enfim, não tenho de dar explicações. A caminho, então!

Besty Talo de Manjerição deu um empurrão forte na menina em direção à parede macia e frondosa do armário. Com uma torção, um aperto e um estalo, Setembro escorregou para trás, para o outro lado.